

MARIA IZILDA ALVARENGA

MATO GROSSO E SUAS LENDAS NUM CONTEXTO PEDAGÓGICO

JAURU - MT

2007

MARIA IZILDA ALVARENGA

MATO GROSSO E SUAS LENDAS NUM CONTEXTO PEDAGÓGICO

Monografia apresentada ao programa de especialização lato sensu em Literatura Infantil e Infanto-Juvenil, da Universidade do Estado de Mato Grosso, para a obtenção do título de especialista, sob a orientação da prof. Marilda Dias.

JAURU - MT

2007

MARIA IZILDA ALVARENGA

MATO GROSSO E SUAS LENDAS NUM CONTEXTO PEDAGÓGICO

MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA EM LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL, PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO.

COMISSÃO JULGADORA

Presidente

2º Examinador

3º Examinador

RESULTADO FINAL:

DEDICATÓRIA

Aos netos: Felipe, Pedro e Gabriela.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da Vida; à orientadora,

Professora Marilda Dias pelo apoio e contribuição
na realização deste trabalho.

EPÍGRAFE

"Na origem da obra literária não está um acontecimento da vida do autor, mas só a emoção, desatada por esse acontecimento; a obra é tanto mais perfeita, quanto mais a emoção original está dominada, transformada em «forma»."
Carpeaux, Otto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – CULTURA POPULAR.....	12
1.1. LITERATURA INFANTIL NA CULTURA POPULAR.....	14
CAPÍTULO II – LENDAS E MITOS.....	18
2.1 LENDAS DE MATO GROSSO.....	25
CAPÍTULO III – LENDAS NO COTIDIANO ESCOLA.....	48
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

RESUMO

Vivemos num país em constante desenvolvimento, onde se torna um erro dizer que uma região é mais ou menos rica em cultura que outra. Nota-se que os indivíduos das mais diversas culturas e costumes se interligam e se interagem no sentido de experimentar, inovar e transformar, pois nos dias atuais não existe uma cultura única e pura, mas encontra-se muitas vezes uma miscigenação de hábitos e costumes que transformam o modo de vida dando um novo curso à sua trajetória. Dessa forma objetiva-se resgatar e valorizar as lendas regionais, como expressões da cultura de um povo, sob a ótica do próprio povo que a produz e perpetua. Sendo notório que as lendas contêm um valioso recurso pedagógico e, por meio de um intercâmbio cultural entre Escola e Comunidade, constata-se uma vez mais que os textos literários devem ser abordados de maneira contextualizada, o que certamente terá um sentido significativo para a criança que está inserida num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Palavras-chave – Literatura Infantil e infanto-juvenil – cultura – aprendizagem.

ABSTRACT

We live in a country in constant development, where if it becomes an error to say that a region is more or less rich in culture than another one. It is noticed that the individuals of the most diverse cultures and customs if establish connection and if they interact in the direction to try, to innovate and to transform, therefore in the current days does not exist a pure culture only e, but one meets many times a miscegenation of habits and customs that to transform the life way giving a new course to its trajectory. Of this objective form to rescue and to value regional legends, as expressions of the culture of a people, under the optics of the proper people who produces it and perpetuates. Being well-known that the legends contain a valuable pedagogical resource e, by means of one I interchange cultural between School and Community, evidences a time more than the literary texts must be boarded in contextualized way, what certainly it will have a significant direction for the child who is inserted in a process of development and learning.

Word-key - Infantile and infant-youthful Literature - culture - learning.

INTRODUÇÃO

Vivemos num país em constante desenvolvimento, onde se torna um erro dizer que uma região é mais ou menos rica em cultura que outra. Nota-se que os indivíduos das mais diversas culturas e costumes se interligam e se interagem no sentido de experimentar, inovar e transformar, pois nos dias atuais não existe uma cultura única e pura, mas encontra-se muitas vezes uma miscigenação de hábitos e costumes que transformam o modo de vida dando um novo curso à sua trajetória.

A partir desta constatação, o presente trabalho enfoca a cultura popular e, nessa busca, depara-se com a arte literária, tanto oral quanto escrita, e o fascínio dos contos, magia das lendas que tanto seduziram e seduzem... Desse modo, delimitamos o tema, selecionamos os materiais e organizamos as informações coletadas em fontes bibliográficas virtuais, livros e artigos, através de resumos. Realizamos também uma pesquisa de campo com o objetivo de colher e registrar algumas lendas contadas por antigos moradores do município. Como uma forma de abordar a lenda na prática da sala de aula, convidamos esses moradores para relatarem as lendas veiculadas no nosso município junto aos alunos da 2ª fase, 2º Ciclo da “*E.E. Dr. José Gentil da Silva*”.

É um trabalho direcionado a professores atuantes nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental com a finalidade de chamar a atenção dos educadores sobre o farto material disponível nos desdobramentos da diversidade de assuntos que compõem a literatura popular.

A lenda é uma das modalidades da literatura popular e engloba episódios realistas e fantásticos. Uma pesquisa nesse sentido sugere o movimento da busca de significado para os acontecimentos e os fatos, onde as transmissões se efetuam por meio das lendas contadas oralmente e através de registros escritos.

A ênfase às lendas, principalmente as regionais e, contadas por nossos moradores, torna a aprendizagem ainda mais enriquecedora, pois, os alunos entram em contato com a

própria cultura e, através dela, reconhecem a si próprios como protagonistas de sua história agente de sua constituição e construção.

Valorizar as lendas regionais, como expressões da cultura de um povo, sob a ótica do próprio povo que a produz e perpetua é o nosso objetivo maior e, buscando atendê-lo, dividimos o trabalho em capítulos, enfatizando os objetivos específicos.

O capítulo I (Cultura Popular e Literatura Infantil) discorre sobre conceito e abordagens do vocábulo cultura, e as contribuições da Literatura Infantil; o capítulo II (Lendas e Mitos; Lendas de Mato Grosso) conceituando-as e valorizando os contextos populares da cultura e busca a causa/solução dos conflitos gerados pela diversidade cultural; o capítulo III (Lendas no Cotidiano Escolar) aborda as expressões da arte popular, enfoca lendas e mitos em seu contexto histórico e abrange aspectos pedagógicos; compreende alguns dados históricos sobre o Município de promove uma interação entre os antigos moradores e os alunos da “*E.E. Dr. José Gentil da Silva*”. Finalizando a conclusão do trabalho.

Com o propósito de contribuir a divulgação e apreciação da literatura popular através da valorização das lendas mato-grossenses, trouxemo-las ao ambiente escolar.

As lendas contêm um valioso recurso pedagógico e, por meio de um intercambio cultural entre Escola e Comunidade, dramatizações, palestras, murais temáticos, projetos de cunho social, como visitas ao Clube da Terceira Idade, esperamos alcançar o objetivo proposto.

CAPÍTULO I

CULTURA POPULAR

Registra A. Buarque de Hollanda, em seu conhecidíssimo Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, que a palavra “Cultura” em seu uso corrente, significa “saber, estudo, elegância, esmero”; ela evoca os domínios da filosofia, das ciências e das belas-artes. (ARANTES, 1994: 9).

Cultura diz respeito à humanidade como nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação, caracteristicamente de acordo como a localidade e o tempo, pois é uma representação do povo.

Cada realidade cultural tem sua lógica, cada qual fazem sentido dentro de suas práticas, costumes, concepções próprias e as transformações que ocorrem no decorrer do tempo. Nesse sentido é notório dar-se ênfase a variedade cultural que devem ser contextualizada e sempre tendo em vista a preservação e o respeito a estas múltiplas culturas.

Nas sociedades estratificadas em classes, essas esferas da “cultura” são, na verdade, atividades especializadas que têm como objetivo a produção de um conhecimento e de um gosto que, partindo das universidades e das academias, são difundidos entre as diversas camadas sociais como os mais belos, os mais corretos, os mais adequados, os mais plausíveis, etc. (Arantes 1994:9)

Varia em sua forma por questões regionais, familiares a uma determinada época em que se ocorreu o fato ou em que se presencia através de relatos orais, artigos, textos informativos etc.

Dentro dessa caracterização delimitamos os contos populares, que são de origem oral e que perpassam gerações. O conto de forma geral se apresenta sobre duas versões:

popular e artísticas. Dentre essas características as línguas também influenciam de acordo com os costumes de cada povo.

Na Língua Portuguesa o termo “conto” serve como designação à forma popular: folclórica, criação coletiva da linguagem e ao mesmo tempo, à forma artísticas.

No entanto em outras línguas o termo se difere e também apresenta-se de maneiras distintas, “tale” para conto folclórico, popular e “short-story” para narrativas com características literárias. Em alemão “novelle” e “erzählung” para as “short-story” (inglês) e “märchen” para contos populares. Em italiano “novelle” e “recanto”.

Desde o final do século XVIII o conto popular mereceu a atenção daqueles que se propunham a estudar as manifestações folclóricas, manifestações espontâneas do povo, isentas do verniz da erudição.

(REIS 1994: 15)

Neste sentido nota-se que o conto contempla toda uma variedade espontânea, fazendo parte da cultura de um povo, recompondo a memória de várias épocas, onde se compõe com os mesmos aspectos das narrativas.

Em se tratando de diferenças não se pode deixar de lado a valorização e o respeito às culturas, deve-se, no entanto, usar de artifícios que promovam uma autonomia não deixando de lado o respeito às diferenças. Mesmo um indivíduo crítico, deve ter por base o senso comum do respeito ao diferente.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou na maneira de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultados de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. (SANTOS: 8-9)

Sobretudo, é importante atentar para uma cultura de massa que busca uma hegemonia cultural, seja ela através da tv, jornais, revistas, etc, neste sentido, buscam impor uma cultura que muitas vezes vem camuflada e não apresentam, muito menos conservam a sua originalidade.

Se olharmos à nossa volta, logo nos damos conta que são muitos e variados os valores e concepções de mundo vigentes numa sociedade complexa e diferenciada.

[...]Refletindo com cautela, entretanto logo perceberemos que por sobre essas diferenças, alguns valores e concepções são implementados socialmente, através de complexos, mecanismos de produção e divulgação de idéias, como se fossem, ou deversem se tornar, os modos de agir e de pensar de todos. (ARANTES: 10-12)

Na realidade a diversidade se desenvolve em processos através do tempo, é o lugar privilegiado da cultura, sendo que a mesma constitui diversos grupos sociais de vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo que os diferenciam uns dos outros.

O século XIX, em que esse confronto de idéias se consolidou, indicava os caminhos de uma civilização mundial em que as muitas culturas humanas deveriam inevitavelmente encontrar o seu destino, quando não seu fim. Já agora a compreensão dessa civilização mundial exige o entendimento dos múltiplos percursos que levaram a ela. O estudo das culturas e de suas transformações é fundamental para isso. (SANTOS, 1994: 17)

1.1. LITERATURA INFANTIL NA CULTURA POPULAR

Entre os séculos XVI e XVII, houve o nascimento da sociedade moderna e com ela o surgimento do status de infância. Até então, as crianças eram somente adultos em miniatura, sem distinções de sinais culturalmente reconhecidos como roupas ou atividades especiais, por exemplo. Já a literatura infantil apareceu durante o século XVII, época em que há mudanças na estrutura da sociedade, com a ascensão da família burguesa. A

emergência dessa literatura associa-se, desde as origens, a uma função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em divulgadoras dos novos ideais burgueses.

Neste período as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Neste contexto não haviam livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Por este viés, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino.

Como consequência natural deste processo, o didatismo e o conservadorismo (a escola, afinal, costuma ser instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças.

Não é possível negar que falar em contos de fadas hoje tem significado para todos nós, quase que automaticamente, falar em crianças. Sem colocar em discussão suas diversas denominações, contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas ou simplesmente contos populares. Muitos autores de livros para crianças e outros, utilizaram e continuam utilizando, como referência, vários aspectos temáticos e formais dos contos populares para desenvolver seu próprio trabalho. Vale lembrar, entre muitas outras obras como Pinóquio, Aventuras de Xisto, História meio ao contrário, Uma idéia toda azul, Os pregadores do Rei João, A Fada-Sempre-Viva e a Galinha-fada e Tampinha, todas com evidentes vestígios das narrativas populares.

O estudo dos contos tradicionais, essas narrativas dirigidas a todas as pessoas, independentemente de faixas etárias, através das tradições e da visão de mundo, estando enraizados em antiqüíssimas narrativas míticas. Além disso, sobreviveram ao longo dos séculos através da transmissão oral feita por contadores de histórias, jograis etc.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem

se comunica , tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN, 1997: 15)

Sendo assim o papel da escola e especificamente do professor é fundamental, no sentido de estar explorando juntamente com o aluno, variados textos, tendo sempre em vista a realidade vivida. E através da cultura popular isso será concretizado de uma forma prazerosa e construtiva, pois a criança não apenas ficará na platéia, mas sim fará parte da história se sentindo agente partícipe da mesma.

Percebe-se a importância da literatura infantil trabalhada com a criança desde cedo, pois a mesma terá a oportunidade de adentrar um vasto universo onde a mesma terá opções de textos, onde a cultura popular é riquíssima.

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das condições literárias. (PCN, 1997:37-38)

Desta forma, constata-se uma vez mais que os textos literários devem ser abordados de maneira contextualizada, o que certamente terá um sentido significativo para a criança que está inserida num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

E na cultura popular não há nada mais significativo para o indivíduo, o que por muitas vezes é deixado de lado na escola, onde professores buscam apenas por textos literários impressos de escritores internacionais ou nacionais. O que muitas vezes foge a realidade do aluno.

No entanto, a preservação da cultura popular regional também se torna um conteúdo literário riquíssimo para o conhecimento, até mesmo porque envolve mais pessoas do que apenas no ambiente escolar alunos/ professor. Pois trata-se de cultura onde tem ações fundamentais da comunidade de uma forma geral através da oralidade que são transmitidos, os contos, lendas, mitos, etc.

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento de ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam – fala, escuta e/ ou reflexão sobre a língua. Supõe também um profundo respeito pelas formas de expressão oral trazidas pelos alunos, de suas comunidades, e um grande empenho em ensinar-lhes o exercício da adequação aos contextos comunicativos, diante de diferentes interlocutores, a partir de intenções de natureza diversa. (PCN, 1997: 49-50).

CAPÍTULO II

LENDAS E MITOS

Conforme PANUTTI (2002 : 26 –7): o mito faz parte do primeiro estágio sobre o desenvolvimento do conhecimento histórico (estabelecido por HELLER); e, no terceiro estagio, ocorre a volta do mito universal (2002:38-41).

É a forma mais antiga de explicar as gêneses, o inicio e a organização das coisas. Neste primeiro estagio, a “*universalidade*” acontece através de uma visão analítica, da generalização das explicações particulares, sem critica ou reflexão, tudo esta determinado e previsto. O mito é um modelo que resolve todas as situações, explicando-as sempre que se repetem, tudo já está predeterminado. De uma forma geral, as explicações particulares, são priorizadas através dos mitos. O tempo é infinito, o espaço associa-se ao tempo e, é também infinito. Os mitos referem-se a um determinado espaço de tempo tão remoto que não o datam, embora apareçam numa seqüência temporal, é eterno, mostram a repetição infinita, um tempo circular, não linear, conforme BORGES (1993).

O ser humano que possui uma visão de mundo embasada no mito, é passivo, não necessita refletir em busca de alternativa, o seu fazer já está fixado.

O mito é transmitido pela tradição oral, pois, em sua origem inexistente a escrita, desse modo, é característico da Pré – História apresentado pelas crenças populares.

Continuando sob referencia de PANUTTI e BORGES, no segundo estágio a consciência da mudança sugere a intenção de mudar. Através da argumentação, justificação e verificação, entra em cena a experiência da decisão humana com a alternativa de escolhas. Os mitos são questionados, a dimensão do tempo se amplia.

A História começa a constituir-se como conhecimento específico. Heródoto, considerado o “*pai da História*”, dá a mesma um sentido de pesquisa, para que as ações humanas não sejam esquecidas com o tempo. Os historiadores retratam a realidade mais próxima, não refletindo sobre os problemas remotos relacionados aos mitos. Com a escrita, surge a consciência da História unida à Filosofia, pois o período anterior à escrita é caracterizado Pré-História, divisão questionável segundo muitos autores.

Os historiadores representados pela classe dominante excluem da História o homem comum. Os fatos não podem ser esquecidos, as “*ações imortais*” são registradas conforme critérios da classe dominante.

As questões fundamentais são respondidas nas “*tragédias*” e na reflexão filosófica. Há uma consciência do geral, porém refletida no particular.

No terceiro estágio. A “*universalidade*” das explicações retoma a questão do mito. Durante a Idade Média, considerada período das trevas, houve uma estagnação, tudo era atribuído a Deus.

As pessoas crêem que a natureza humana é criada segundo a intenção de seu criador, Deus, que é universal. . A “*universalidade*” retrata uma consciência sem reflexão e não considera o particular. O homem não preocupa em refletir sobre os acontecimentos, fica em nível da “*universalidade*” não refletida: o mito universal explica tudo.

A crença nos mitos é cultural, não acaba nesta estágio e existe até hoje.

Os demais estágios, elaborados por HELLER e, abordados por PANUTTI e Borges, não serão relatados, pois o enfoque significativo e a contribuição a este trabalho refere-se ao mito.

Todavia, para uma rápida abordagem conclusiva, os estágios em estudo sobre o desenvolvimento do “*(...) conhecimento histórico não são lineares, nem absoluto (...)*” PANUTTI (2002:61). Cada estágio não se fechou para iniciar outro, deste modo, parafraseando BORGES (1993:57), não se define como um processo evolutivo, linear, mas

com muitas possibilidades e, a História deve ser vista como um caleidoscópio, nunca como uma régua.

Todos os estágios, conforme PANUTTI (2002: 61-2):

(...) se fazem presente no mundo de hoje, nas diversas regiões do mundo (...) Não há uma linha progressiva no desenvolvimento da História da humanidade, para todas as sociedades e nações. Temos hoje em dia sociedades primitivas, como certas tribos da Nova Zelândia e sociedades bastante desenvolvidas do ponto de vista tecnológico, como é o caso dos Estados Unidos. Não se fala mais hoje em processo histórico geral, universal e progressista e nem na passagem de um estágio a outro tendo outro país ou bloco de países como modelo (...) As mudanças são muito lentas, o desenrolar de cada sociedade é único.

Passaremos agora a enfocar o mito, subsidiados por DALATE:

(...) o termo grego mito, corresponde ao latino fabula, utilizado por Aristóteles como elemento de teoria da narrativa para indicar o conjunto das ações. (p.106).

“(...) Aristóteles, considerando a fabula como um todo, distinguia três partes inerentes a esse todo: principio, meio e fim (...) (p.73).

(...) Mas na acepção mais comum, o mito ;e uma história ficcional sobre divindades, inventadas pelos homens para explicar a origem das coisas ou justificar padrões de comportamento. O que há em comum nos dois casos da palavra mito é que se trata sempre de uma história fantástica, inventada ou por um poeta (no caso do mito trágico em que fala Aristóteles) ou pelo povo (no caso da mitologia). Nesse segundo sentido, estamos perante uma forma simples de narrativa, pois o mito brota ainda num estágio primitivo. (...) características da narrativa mítica:

O mito é uma história fantástico-religiosa. (...) É muito profunda a relação entre mito e religião (...) Por incrível que pareça, não é Deus que cria os homens, mas são estes que criam os deuses a sua imagem e semelhança. As divindades são projeções do inconsciente coletivo que inventa configurações transcendentais que expressam plasticamente seus desejos e seus temores.

O mito é uma crença-verdade (...) passa a ser objeto de crença popular nas sociedades primitivas (...) exerce um grande fascínio sobre os fieis que se sentem tomados por um poder sagrado.

O mito segue uma lógica peculiar. A criação do mito é anterior a formação da consciência reflexiva (...) Podemos considerar o mito como a primeira forma poética inventada pelo homem. (...) Segundo o psicólogo Piaget, existe um estreito parentesco entre o universo do homem primitivo e o mundo da criança. Como esta, o aborígine não distingue a realidade da fantasia, a verdade do falso, o puro do maculado, o possível do impossível, o animado do inanimado. Sua mente é alheia a tais oposições. Como a criança que quer dar de mamar a uma boneca,

assim o homem primitivo considera uma pedra como ser vivo, objeto sagrado. Dá mesma forma a categoria do tempo não apresenta a noção de evolução; a criança chora se a mãe vai embora, pois imagina o afastamento como definitivo; para o homem primitivo o tempo é fixado para sempre; as personagens míticas não envelhecem, porque, concebidas como modelo de valores eternos, não sofrem os efeitos da passagem do tempo. (pp 106 – 7).

DALATE (p 109), explica a palavra lenda, do latim ‘legenda’, forma gerundiva do verbo ‘legere’ (ler), o qual na Idade Média se substanciou. ‘Legenda’ é um nome feminino que se substanciou, significa, etimologicamente, ‘o que se deve ler’ ‘- Esse substantivo passou a denominar o relato da vida dos santos e mártires da Igreja Católica. A primeira coletânea foi publicada pelo abade francês Jacques de Voragine, no século XIII, como o nome ‘Legenda Sanctorum’. O sentido etimológico do nome já sugere a disposição mental: a imitação. As hagiografias devem ser lidas para que se imitem as virtudes dos heróis religiosos.

A forma de difusão da lenda ocorre tradicionalmente pela transmissão oral, conforma LUYTEN (1992:20): *“As manifestações populares vão dar-se em sua grande maioria, de forma oral. É que a comunicação a nível popular, na realidade, significa a troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semi letrados para seus semelhantes”*.

O autor faz uma observação sobre analfabeto ou semi letrado no sentido de não significar ignorante. E prossegue:

Existe uma característica peculiar às histórias e lendas populares: sua circulação é restrita e quando elas são registradas e publicadas, sua tendência é desaparecer. Podem-se criar outras, mas as ‘reveladas’ perdem o interesse das camadas populares. Essas lendas e contos populares passam geralmente a fazer parte do sistemas educativos oficiais – logicamente, depois de serem tirados muitos elementos considerados nocivos, cruéis ou simplesmente desnecessário à narrativa. Alias, é o que sempre acontece quando se ‘oficializam’ as coisas inerentes ao povo. (p.23).

Buscando mais subsídios sobre a difusão da lenda, encontramos REIS (1984:12):

O conto popular cristalizava-se na tradição oral dos povos, atuando como veículos de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de

mundo, sendo fortalecido na memória consecutivas gerações, a cada noite, a cada serão, espécie de legado passando de pai a filho.

O nosso interesse em pesquisar lendas encontra resposta tanto na citação acima quanto em LUYTEN (1992:22):

As histórias e lendas são fatos ocorridos ou não, geralmente com finalidades educativas e de exemplos, contadas de pai para filho ou, então, por pessoas idosas com certas habilidades para pequenos grupos. Esses relatos são importantíssimos para se conhecer a verdadeira índole ou interesse de uma determinada população. É justamente neles que aparecem preconceitos, mitos e até formas de crítica das pessoas que as contam e ouvem.

Faremos agora, fundamentados em DALATE, uma distinção entre mito e lenda:

(...) a história mítica, ligada a entes sobrenaturais, tem como atitude mental a ‘crença; o relato legendário tem como heróis seres humanos cujo alto valor cívico ou espiritual estimula a imitação.

(...) a lenda se origina a partir de um fato histórico, embora sua veracidade, com o passar de tempo, seja transfigurada pela imaginação popular. (...) como se depreende do sentido do adjetivo ‘lendário’, existe quase uma oposição entre história e lenda: chama-se lenda ao fato historicamente não comprovado (...) Outra peculiaridade da lenda é sua localização no espaço e no tempo, diferentemente do mito e do conto popular, cujas origens são geograficamente e cronologicamente indeterminados. (p.109)

Na busca de mais referências sobre a distinção entre lenda e mito, encontramos na Enciclopédia PAPE, vol. V (p. 1716):

Lenda, folcl. Narração de acontecimentos mais ou menos fantástico em torno de um personagem histórico. O vocábulo lenda é freqüentemente usado como sinônimo de mito, quando na realidade a ação do mito tem efeito nos tempos ante-históricos, trazendo um ente ou episódio sobrenatural e a lenda apesar de conter elementos de cunho mitológico, passa-se num mundo real, entre entidades reais, não indo além dos tempos medievais, designativo das biografias dos santos, onde estavam reunidos o real e o mítico, visando ao aperfeiçoamento espiritual dos crentes. Para a pesquisa histórica, a lenda tem grande importância, indicando as crenças de um povo e suas fundações sociais, étnicas e culturais. Entre as obras de caráter lendário e épico, podemos destacar: ‘Lendas e Narrativas’, de Alexandre Herculano; ‘A “Lenda dos Séculos”, de Vitor Hugo, e ‘As Lendas Épicas’, de J. Bedier.

A citação acima é bastante esclarecedora, pois, além de definição, distinção, importância e obras, enfoca a lenda usada como sinônimo de mito e, de forma sucinta, revela a diferença mostrando que, possui sim elementos de cunho mitológico, embora num mundo real e não ultrapassando a Idade Média.

Compreendemos que, teoricamente, há distinção entre lenda usada e mito, todavia instala-se uma polemica com referencia aos atributos dos conteúdos. Por exemplo, DALATE diferencia a lenda, do mito e do conto popular, colocando ambos em igualdade, sendo que, o conto popular é por ele mesmo reconhecido como um gênero literário à parte. Esta colocação é intencional, compreendemos as analogias...Então, para um melhor entendimento e direcionamento da pesquisa, encontramos uma sugestão em GARCIA e GLÖRIA (2004:145) onde a confusão manifesta-se com todo o esplendor! As autoras citadas, embasadas em BRANDÃO (2000), colocam que:

No Brasil, são muito conhecidos os mitos do Saci, da Iara, do Curupira, da Mula-sem-cabeça ... A cultura indígena é rica em mitos. Muitos deles tem característica de lendas, pois apresentam um caráter mais utilitário, já que buscam transmitir valores morais importantes para o grupo. Porem segundo a antropóloga Prof. Dra. Betty Mindin, os povos indígenas preferem o termo 'mitos' para suas narrativas por estes mostrarem-se mais profundamente enraizados no meio social, constituindo-se num elemento mais definidor da integração e da preservação de sua identidade cultural do que as lendas.

Mediante as varias referencias bibliográficas, consideramos correto não interferir nas interpretações pois, ao mesmo tempo, as opiniões convergem e divergem. Percebemos que há controvérsias e concluímos serem polemicas ass visões de alguns autores. Como é uma investigação direcionada a educadores, ficam aqui os registros das pesquisas com o compromisso e o rigor que as conduziram, pois, concordamos que, “(...) *Toda pesquisa deve ter uma preocupação social. E toda pesquisa social deve ter um cuidado científico*”. SATO (Ciências 6, 2002:29).

Conforme o ALMANAQUE ABRIL (1989:278): Personagens do Folclore Brasileiro Anhangá – Para os indígenas, fantasmas de gente ou de animal; assim, tatu-anhangá era, para eles, o espírito desse bicho. Boitatá – A ‘cobra de fogo’. Nome que os indígenas davam ao fenômeno do fogo-fátuo; transforma-se em boitatá quem deve ser

punido pelo crime de incesto. Boto – Animal muito comum nas narrativas amazonenses, transforma-se num rapaz bonito, que seduz e engravida as mocas, e depois volta a sua condição de peixe.

Caapora (ou Caipora) – Uma índia baixa, peluda e forte, protetora da caca, costuma apaixonar-se por rapazes, por quem concebe violento ciúme, e se eles querem casar-se, acoita-os até a morte com seu chicote espinhento.

Ci – Na teogonia indígena, o princípio gerador materno, que deu origem a todas as coisas; descrita, às vezes, como Coaraci, ‘a mãe deste dia’.

Cuca – Mito de origem portuguesa; é a velha feia que vem roubar as criança desobedientes.

Curupira – Duende indígena, anão, com cabelo de fogo e os pés voltados para trás; protetor das matas rapta os caçadores.

Iara – A ‘senhora das águas’, divindade do rio, que atrai os homens com seu canto e os afoga.

Icamiabas – As ‘sem marido’, versão indígena do mito das amazonas, as mulheres guerreiras,

Jurupari – Demônio que visita os indígenas, à noite, na rede; é o guardião da virgindade e da fidelidade das mulheres.

Lobisomem – Tradição de origem européia; o homem que, em noites de lua cheia, transforma-se em lobo.

Míua – Ser misterioso que, segundo os índios, lança mau-olhado sobre os recém-nascidos.

Mula-sem-cabeça – Segundo a tradição, assim são castigadas as mulheres que tiveram relações sexuais com padres; de 5ª para 6ª feira, cavalgam desesperadas a noite inteira, destruindo o que encontram.

“Saci – Negrinho brincalhão de uma perna só, carapuça vermelha e cachimbo na boca, que se diverte assustando as pessoas e os animais com seu aterrorizante assobio”.

2.1. LENDAS DE MATO GROSSO

De acordo com a cultura popular a credence se encontra bastante presente nas lendas que perpassam os tempos. Dunga Rodrigues, expõe lendas relacionadas a Santos, ou seja, de credence popular de acordo com a religiosidade, como seguem alguns exemplos abaixo.

A IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ

Os dados históricos informam que a igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, hoje Catedral e Basílica Menor, foi construída em 1722, pôr Jacinto Barbosa Lopes, três anos depois da fundação do Arraial, com a eleição de Pascoal Moreira Cabral para Guarda-Mor Regente. E a primeira missa foi celebrada pôr Frei Pacífico dos Anjos.

Acerca da imagem, nela venerada, conta-se o seguinte: foi encontrada na ilha de Manoel Homem, abaixo da confluência dos rios Verde e Aguapé, a duzentos e vinte e cinco léguas aproximadamente, distante de Cuiabá. Manoel Homem o nome de um criminoso foragido pelo sertão, tendo ele próprio encontrado a imagem.

Para abrigá-la construiu um rancho tosco de palha. Porém, o lugar onde a recambiara tornou-se muito movimentado, com a passagem de viajantes, e pôr temor à justiça embarafustou-se mata a dentro, deixando lá a imagem.

Um comerciante, que de Cuiabá se dirigia a São Paulo, tentou levar a imagem consigo, mas não houve força capaz de removê-la. Mais tarde, em viagem inversa outro caminheiro conseguiu trazê-la para Cuiabá.

Ostros dados históricos informam que o Senado da Câmara, tendo conhecimento do achado, nomeou uma comissão para trazê-la de Camapuã, onde se encontrava.

Fabricada em Sorocaba, pelas mãos de uma mulher, fora de lá trazida pôr Pedro Morais, nos primeiros anos do descobrimento destas minas. Pôr dificuldades, não podendo carregá-la até aqui, deixou-a num rancho , no lugar chamado Guarapiranga.

Para buscá-la, organizou uma expedição de vinte e cinco homens, ocupando três canoas e sob a chefia do capitão Domingos Barbosa. Trouxeram-na em caixão fechado até o porto geral, aonde fora encontrá-la uma procissão, levando-a até à Matriz.

Acrescentam que, na ocasião, pregou frei José Angola.

Durante quatro dias comemoraram o fato, com representação de duas comédias, banquetes e fogos. As festas foram custeadas pôr pessoas importantes, principalmente belas burras de Sampaio Couto e Antônio Corrêa de Oliveira.

Dizem que após colocada na Matriz, ainda coberta de palha, a imagem desapareceu duas vezes, voltando para Camapuã.

Foi quando a população fez votos de construir uma igreja decente, coberta de telha, no mesmo local onde até hoje é venerada. Esta igreja foi destruída à dinamite, há poucos anos atrás, e os seus altares, com entalhes a ouro e fogo, retirados da nova Cathedral, construída nas linhas modernas.

O povo assistiu, de braços cruzados, dilapidação do seu patrimônio artístico.

NOTA: Dados colhidos em "Irmandade do Senhor Jesus de Cuiabá", da autoria de Firmo José Rodrigues, do Instituto Histórico de Mato Grosso e publicado em seu livro "Figuras e Coisas de Nossa Terra" 2º Volume.

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

(Fonte - Lendas Mato-grossenses de Feliciano Galdino.)

Esta Santa tão venerada pelos livramentenses que, ao visitarmos a igreja local, achamos a imagem de pequenas dimensões em proporção ao santuário que é vasto. Ao manifestarmos isto, logo as pessoas presentes protestam: Não, disseram, ela é muito grande. O seu tamanho se mede pelos milagres que ela faz.

No tempo em que esta cidade era apenas mais uma lavra, passou pôr lá um tropeiro com o seu burro, equipado de duas bruacas enormes, indo em uma delas linda imagem de Nossa Senhora. Após a parada de pouso e a matolotagem demorada, resolveu o tropeiro prosseguir o seu rumo. Qual não foi, porém, seu espanto, ao ver que o burro ofereceu resistência para andar empacando definitivamente.

Experimentou aliviar a carga do burro, retirando a Santa. Imediatamente pôs-se o eqüino a caminhar. Repôs a Santa na bruaca e o animal emperrou outra vez. Foi prova convincente de que era o desejo da Nossa Senhora permanecer naquele sítio.

Todo povoado acorreu, satisfeito com a preciosa dádiva, e se apressou a erigir-lhe uma capelinha rústica que se transformou hoje na Igreja de Nossa Senhora do Livramento.

A LENDA DE NOSSA SENHORA

(Fonte- A Princesa Branca do Vestido Azul - Lendas Mato-grossenses do Professor Feliciano Galdino).

No tempo em que se deu o fato, a vila de Livramento era circundada por densos bosques.

Extensões de matas virgens, pontilhadas de raras propriedades, exibiam o poder latifundiário dos antigos posseiros.

Uma criança de seus quatro anos, encantada com a variedade de borboletas e o canto dos pássaros, saiu-lhes ao encalço, penetrando os bosques. Distanciou-se tanto da casa que principiou a Ter medo, fome e sede. Errou muito tempo pela mata, a chorar e a chamar pela mãe.

Exausto o menino encontrou-se à beira de um riacho, onde uma linda moça de olhos azuis, da cor de sua roupa, lhe tomou a mão carinhosamente.

Ao se aproximarem da vila, ela disse:

- Se lhe perguntarem quem o trouxe aqui diz que a melhor amiga de todas as mães, a princesa branca de vestido Azul.

Trouxe um grande regozijo a sua volta ao lar. Todos, escravos e forros, procuravam pelas matas, na correnteza dos ribeirões, aquele corpinho inocente que julgavam desaparecido nas águas ou entre as serpentes venenosas dos cipoais. Para comemorar o acontecido, mandou-se celebrar missa na capela da vila.

Ao entrar acompanhado dos pais e de toda a família, reconhecidas as graças da Virgem Santíssima, o garotinho exclamou :

- Olha mamãe, veja bem aí a moça que me trouxe para casa. O mesmo vestido Azul, é ela sim!

Milagre de Nossa Senhora do Livramento, que os fitava do seu nicho enfeitado de flores.

CAPELINHA DE MARIA ANTÔNIA (Diamantino - Tradição Popular)

A cidade de Diamantino, de qualquer ângulo em que é vista, se assemelha a um cartão postal. Tão bucólica e pitoresca, ela ponteia no alto da Serra de Diamantino debruçando-se sobre um extenso vale, muito verde, cortado pelo rio Paraguai. Do alto, vê-se emergir, aqui e ali, maloca de índios, mas que não são índios, mas de pobreza que se aloja em ranchos de capim. Adiante o Seminário dos Salesianos que se estende naquela verdura acentuada como uma neve branca.

Um navio perdido num mar de selvas. À entrada da cidade, uma curiosa capelinha, onde há sempre flores votivas, chama a atenção dos visitantes.

Ora é uma coroa de rosas, ora um buquê de noiva, ou mesmo flores do campo a enfeiram. E o povo vai logo desfiando a estória.

"Ninguém sabe pôr que a Maria Antônia começou a beber. Moça bonita e de boa família, se viciou na bebedeira, que chegava a cair na rua tão tonta que ficava.

Não tendo mais dinheiro para alimentar seu vício, pedia no botecos e biroskas seu dedo de cachaça para matar o bicho, ou melhor, o hábito inveterado.

Um dia, já semi-inconsciente, enveredou-se pela mata, distanciando-se cada vez mais da cidade.

Escurecia e, desnorteada pela bebida e pelo pavor, tomou-se de pânico, pois não atinava com o caminho de volta. Corria desorientada penetrando cada vez mais na mata, sem achar uma vereda que a conduzisse ao povoado.

Num lampejo de raciocínio, sentiu-se completamente perdida e se pôs de joelhos invocando um milagre de Nossa Senhora.

No mesmo instante, numa forte intuição, guiou-se pôr uma trilha que a levou facilmente ao rancho onde morava.

Daí pôr diante, Maria Antônia cumpriu a sua promessa. Jamais tornou a beber.

E ao morrer, muito mais tarde, parece que de tal forma redimiu dos seus pecados que a sua alma pura criou poderes de conceder milagres.

Então, eram as almas terrenas que lhe faziam votos e, alcançada a graça, cumpriam depositando flores naquela capelinha que alguém construiu, cumprindo promessa pôr Ter alcançado um favor seu.

NOSSA SENHOR DO CARMO DE CANGA

Com a abertura da reta, que leva à Transpantaneira, encurtando para hora e meia, ou menos, o percurso entre Cuiabá e Poconé, pôs-se à mostra interessante capelinha

colonial, com o seu campanário destacado do corpo da igreja encimado pôr um simbólico e bem esculpido galo prateado.

Os remanescentes da antiga Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, a quem pertencia oficialmente a gleba, com papel registrado em cartório e tudo, escassos membros da antiga confraria, relatam-nos o seguinte:

O local, onde havia abundantes veios de ouro, escavados na canga bruta, donde adquiriu o nome, possuía um curral dessa pedra, verdadeira muralha, onde eram encarcerados os escravos, cujos braços serviam de reais ferramentas, para britar o chão empedrado, à cata do ouro que se encravava nas profundezas. À noite, após uma parca ração, eram ajoujados dois a dois e encerrados naquela fortaleza, ao relento, sem o mínimo conforto para relaxar o corpo cansado da labuta diária.

E os dias se sucediam igualzinhos, cheios de dura lida e sofrimento.

Eis que certa vez, nesse afã de cavar, encontraram, em cima de uma pedra canga, uma santa. A mesma segundo a lenda, que se vê atualmente sobre o altar da capelinha. Fizeram-lhe imediatamente um rancho, coberto de palha, e ela logo se tornou a padroeira do local. Um padre, que visitava os sertões, fazendo batizados e casamentos e convertendo almas, achando a santa muito linda, para ser venerada naquele lugar ermo e distante, levou-a para Poconé.

A Santa anoiteceu em Poconé, mas amanheceu em Canga, de maneira misteriosa. E aí, fizeram-lhe de imediato, um outro rancho de capim verde.

Com a oferta dos crentes, que alcançavam favores com sua interseção, foram adquirido material com o qual a igrejainha foi construída.

Um fazendeiro rico, em troca de um milagre obtido, passou-lhe em cartório várias léguas de terra. Logo se fundou uma irmandade com o seu nome e sob o seu patrocínio.

Todo o pessoal da Irmandade morava na área pertencente a Santa, apoiados devidamente na própria escritura.

Atualmente esta área ficou muito reduzida. Só lhe resta a periferia em que se situa a capelinha, que já teve o seu altar mor, todo de madeira entalhada, destruído por um incêndio. Um promesheiro incauto acendeu-lhe uma vela aos pés do altar e dela se esqueceu. O vento entrando pela janela, levantou labaredas que alcançaram a toalha rendada do altar; alimentando com matéria de fácil combustão, como flores de papel e madeira seca, o fogo se alastrou e tudo consumiu. Quando os moradores da redondeza deram acordo do fato, pela fumaceira que saía pelas janelas, só restava intacta a Santa em seu nicho.

Interpretaram os moradores, como ira da Santa pela invasão de sua possessão e vêem nisto um dos seus grandes milagres, por se escapar incólume de tamanho fogaréu.

O interessante nessa igreja é notar a torre completamente destacada do corpo, mas conservando o mesmo estilo, como a completá-la. Ela foi construída, por um homem chamado João Noberto, que alcançou uma graça de grande monta e, por difícil de acontecer, era considerado como um caso sem solução.

Comentário de um morador atual, recriminando a venda das terras da Irmandade. "Muito fácil negociar com Santo, porque eles não descem do reino dos céus, para discutir preço com o comprador".

NOTA: - Fornecida pela professora Trevil Martins.

LENDAS ATRIBUÍDAS AO PADRE JOSÉ MARIA DE MACERATA

NOTA: - Estas lendas se referem a frei **JOSÉ MARIA DE MACERATA**, da ordem dos Capuchinhos, que, no século XIX, foram os pioneiros da catequese e da civilização de índios e mesmo das pessoas da terra.

Dizem que morrera em odor da santidade. Sendo vidente, com poder de profecias.

Foi o primeiro prelado de Mato Grosso. Ao morrer deixou enorme acervo de obras pias e serviços prestados.

TELEPATIA

Frei José, frei Macerata, ou frei Capuchinho, tratamentos que redundavam numa só pessoa, parecia conhecer as criaturas, tanto pela direita como pelo avesso: não se podia pensar diante dele, era mesma coisa que bradar em altas vozes.

Adivinhador de pensamentos estava ali.

Certa vez, subia o beco do Xixo, em demanda à igreja Matriz, vizinha do Quartel do 21, onde hoje se planta o Palácio da Instrução, construído na vigência do coronel Pedro Celestino, para ser sede da Escola Normal, quando dois soldados do corpo da guarda, ao avistarem-no, cochicharam:

- Eu queria Ter aqui esse tal frade, que aí vem, para lhe encher as mão de palmatórias, e ver se ele é mesmo fazedor de milagres, como dizem.

O segundo mais piedoso retrucou:

- Eu queria tê-lo aqui para receber a sua santa bênção e fazê-lo derramar as graças do senhor sobre mim.

Mal disseram, bem viram aproximar-se da guarita o santo sacerdote, com as mãos estendidas:

- Aqui me tendes, disse, estendendo a mão esquerda ao primeiro: - Use a palmatória para destilar as impurezas do vosso coração.

E abençoando o outro, estendeu-lhe a mão direita para que este a beijasse, abençoando-o em nome de Deus-Pai-Todo-Poderoso.

Os dois soldados, deslumbrados e tementes, prostram-se perante Frei José de Macerata.

O CAVALO E A COBRA

Enquanto algumas pessoas atribuíram à piedade do sacerdote o seu prestígio até entre irracionais, outros, sem poder de compreensão e atônitos, atribuíram-lhe algum pacto com Satã, pelas coisas prodigiosas e inverossímeis que ele praticava. Qual não podia ser deste mundo tal homem!

Para comandar animais e ser obedecido por eles, de quem se tem notícias, só São Francisco de Assis, quando trocou por uma humilde estamena as pompas e glórias desta vida terrena.

Foi ainda andejando por esse mundo de Cristo, que, um belo dia de soalheira, frei Macerata cedeu aos rogos do seu acompanhante, morto de fadiga, para uma rápida sesta, à sombra de frondosa quineira.

Ao acordar, sua montaria se esvaia em sangue, com os olhos já variados, devido picada de venenosa serpente.

Astuto como ele só, o padre sem perder tempo pôs-se a assobiar forte, ecoando pelo sertão aqueles sons que mais se pareciam com silvos de outros animais. A resposta não se fez esperar. Lentamente, veio coleando enorme réptil, com ares de culpa, a que frei recriminou:

- Tu que fizeste tanto dano com teu veneno letal, repara já esse mal e põe fora de perigo de vida, o cavalo.

Obediente, a cobra esticou a sua língua sobre a ferida do animal e retirou dela todo o filtro maléfico que ali havia inoculado. À medida que fazia, o animal ia recuperando as forças e voltando à vida. Quando o animal se pôs de pé, os viandantes reiniciaram a jornada e rumaram ao seu apostolado.

O FRADE E OS ÍNDIOS

Outras lendas são atribuídas a frei José. Verdadeiras casas de encantamento, que, se escaparam do conhecimento Sea Ozébia, outros que as presenciaram ou delas tiveram notícia, transmitiram-na de boca até os nossos dias.

Os descendentes de D Escolástica Martins da Cruz, a quem pertencia o engenho de S. Romão da Serra Acima, atestavam por ouvir dizer, o caso da queixa desta senhora ao santo padre.

- Ilumine-me, frei Macerata, para que se faça algo, a fim de afastar de vez as investidas perniciosas dos índios, nos domínios do meu sítio. - Nos últimos tempos não nos dão tréguas para o trabalho de roça e de engenho.

Hordas de bugres infestavam freqüentemente a propriedade, chegando ao abuso de se aproximarem da Casa Grande, vindo até o terreiro da frente.

- Além do mais, causam pânico aos meus camaradas, pois eles vêm armados de arco e tacape.

Frei José limitou-se a um olhar, circundando o horizonte, estendeu as mãos pelos pontos cardeais, limitando o assédio dos selvagens, num gesto de quem benzia e ao mesmo tempo demarcava uma área da fazenda.

Ao terminar, disse à Dona Escolástica: - De hoje em diante, eles não ultrapassarão as cercas de sua propriedade. Assim se sucedeu.

Assim como a culturas através da religiosidade Dunga Rodrigues também destaca as lendas da cultura popular. São elas:

A CABEÇA DE PACÚ

O Pacú é um peixe da família dos caracídeos, muito abundante no rio Cuiabá e seus afluentes.

O sabor é excelente, até há que o julgue superior ao pirarucu.

Quando seco é possível guardá-lo por vários meses pois de fácil conservação. Se houvesse uma exportação regularizada, talvez constituísse boa fonte de renda para o Estado.

Há entretanto certa superstição quanto a sua cabeça.

Dizem que ao ingeri-lo, se trata de um forasteiro, jamais este deixará Cuiabá.

Se for homem solteiro, estará fadado a contrair matrimônio com moça da terra.

E se for casado, estará condenado a terminar os seus dias aqui.

É este o prestígio e atrativo cabalístico de um cabeça de Pacú.

Certa vez, quando da disputa eleitoral entre o Brigadeiro Eduardo Gomes e o Marechal Dutra, à presidência da República, numas tréguas desse mister do voto, reuniram-se numa mesa do antigo Bar Sargentini, várias moças e um engenheiro nordestino, de grossa aliança no anular, símbolo de casamento marcado para o mês próximo, com uma moça da Bahia. Debatiam acaloradamente a atração e sortilégio da cabeça do Pacú.

- Desafio, disse o rapaz, a comer hoje mesmo a cabeça do tal peixe e desmascarar essa lenda idiota, pois nestes dias estarei casado na terra das moças bonitas e comemorando a vitória do Eduardo Gomes, que é fato líquido e certo, o seu empoçamento na chefia do país.

O certo porém, foi o Marechal Dutra se entronizar na mais alta investidura do Brasil e ele casar em Cuiabá, pois inexplicavelmente o seu noivado se desfez logo após.

O PEIXE BOTO

Na cidade de Vila Bela, banhada pelo rio Guaporé, voz corrente na cidade, a existência, naquele rio, do peixe Boto, que tem cara e barba de homem. Segundo dizem o procedimento do peixe é idêntico ao do ser humano, isto é, ele não se afugenta com a proximidade das pessoas. Muito pelo contrário, chega a brincar com as crianças que se banham naquelas águas, procura salvar, quando está alguém perecendo por afogamento, e, quando há viajantes em barcos ou canoas, pula inesperadamente dentro destas embarcações, para dar medo aos passageiros. É regra entre este espécime que os peixes machos procurem salvar as criaturas do sexo feminino, em perigo de afogamento, e os peixes fêmeas salvam os homens em perigo de vida. Também, os peixes fêmeas tem o ciclo mensal igual às mulheres. Supõe-se que sejam tão domesticáveis quanto os golfinhos.

NOTA: colhida no município de Cáceres, entre os canoieiros do Guaporé.

JAÚ DE CABELOS

Antigamente, num local bem freqüentado pelos melgacenses, onde as mulheres lavavam as suas roupas e os homens tomavam banho, eles costumava fazer sempre uma ritual ao entrar no rio, benziam o corpo antes de mergulhar, com a finalidade de espantar o Jaú de Cabelo que, segundo o comentário dos mais velhos, vivia ali por perto. Eles costumavam dizer que esse peixe estava tão velho, mais tão velho, que já estava ficando caduco e que, possuía cabelos em várias partes do seu corpo. No entanto, era uma peixe inofensivo que tinha o habito de brincar com os banhistas, pregando-lhes peças apenas para se divertir com os desesperos destes. Muitos tentaram apanhar o Jaú mas não obtiveram êxito pois, apesar da idade, ele sempre conseguiu se livrar e por isso passou a ser considerado "encantado". E anos mais tarde ele se mudou e nunca mais foi encontrado.

A FÚRIA DE UM MINHOCÃO

A lenda sobre a existência do Minhocão é uma das mais conhecidas em todo Estado de Mato Grosso. O minhocão trata-se de um monstro que vive no poço do Rio Cuiabá, são várias histórias sobre o bicho que ataca barcos a noite, que faz imenso barulho, agita as águas do rio e causa horrores aos pescadores. Contam também que o bicho derrubava a barranca do rio para perseguir aquele que o enxergava.

A lenda do minhocão contado por Sea Ozébia.

Este rio tem história! Quando ouvir

LENDA DE JACIARA

A canoa, puxada a quatro remos, descia o pequeno afluente do Amazonas, desviando-se , ligeira, das grandes manchas de plantas aquáticas que a correnteza preguiçosamente arrastava. Quando o velho índio Tibúrcio, sustando a remada, começou a contar-me a mais famosa lenda daquelas Ribeiras:

- Antigamente, meu senhor, este rio era limpo de toda sorte de aguapé, e de corrente tão clara que se podia ver, de dia, as traíras, os piaus e os mandis rabeando no fundo, no grande leito de areia dourada. Nesse tempo, morava na cabeceira do rio, onde as águas são mais puras, um velho índio, o famoso Tauí, cuja filha JACIARA, assim chamada por ser a Senhor da Lua, era com os seus olhos mais negros do que o Acapri, a mais formosa moça da redondeza.

O caboclo enfiou, de novo, o úmido remo no grande leito do rio, fê-lo roncar Saturno, nas profundezas d'água silenciosa, e levantando-o gotejante, continuou a narrativa:

- Um dia, voltando da caça, adivinhou Tauí, de longe, a presença de um estranho na palhoça que lhe servia de casa. Arrastando-se, como uma cobra, sobre as folhas do chão, estava o pobre pai a poucos passos da porta de esteiras. Quando de lá pulou um homem, que desapareceu, de um salto, no seio da mataria.

Duas remadas ressonaram, de novo, profundas no leito do rio, impelindo a canoa. E Tibúrcio reatou a História:

- Furioso com a traição da filha, o Índio, feroz, atirou-se contra ela, esganou-a e abriu-lhe de lado a lado, com a ponta da flecha, a caixa do peito moreno. Feito isso, enfiou no seu corpo as grandes unhas de tamanduá e arrancou-lhe, sangrento, o coração ainda palpitante que atirou da porta da palhoça à clara correnteza do rio.

Impeliu mais uma vez, a canoa ligeira, fazendo roncar no seio da água o seu pesado remo de massaranduba, e rematou:

- Desde esse tempo, meu Senhor, começaram a aparecer no rio estas verdes plantas, errantes, cuja flor, alva como a Lua, dorme no fundo das águas e rebenta, à noite, com grande estampido, espalhando por tudo, em redor, a doçura do seu perfume.

E apontando-me uma " VITÓRIA RÉGIA", que descia alva e enorme, nos braços carinhosos das águas, acrescentou, compungido:

- Olhe, lá vai uma, é o coração de JACIARA...

E impeliu a canoa com força."

(Lenda de Jaciara, de Humberto de Campos, do livro "A serpente de Bronze".

LENDAS RELACIONADAS COM ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

A ALAVANCA DO OURO

(Versão popular. Contada em verso pelo Arcebispo D. Aquino Corrêa)

No começo tudo era ouro.

Dizem os nossos avós que as panelas onde se cozinhavam o feijão e o arroz eram feitas de ouro, preparadas de tal forma que resistiam ao fogo lento ou forte. Os espetos, onde se colocava a carne no braseiro, também eram de ouro reluzente, lançando chispas, quando as brasas levantavam chamas, chegando a doer na vista, de tão brilhantes. Era uma fortuna tamanha desse precioso metal que até ninguém ligava muito importância a ele. Não ligava é conversa fiada. O homem, quanto mais tem, mais quer. Deu-se a escavar e a remexer a terra por todos os cantos. Por isso que até hoje as ruas de nossa cidade são irregulares e tortas. Onde houvesse uma boa porção de ouro, ele finca estacas para construir seu rancho; vinham outros com a mesma ambição e se punham a cata os granetes nesse mesmo lugar e logo formava uma ruela, um aglomerado de pessoas.

Foi quando alguém topou, no sopé do outeiro do Rosário, com um objeto danado de reluzente, como se fora cravado no fundo da lapa, justamente onde se abria uma fundo covão. Era um escravo dono daquele achado e por lei de servidão tinha de comunicar primeiro ao patrão a sua descoberta.

A boca da noite já havia engolido quase toda a vila com as trevas muito densas. Uma ou outra luz dos candeeiros que vinham das casas pareciam pequeninos pirilampos, nem chegavam para dar visão. Seria melhor aguardar a aurora para levar a nova ao amo. Mas, ... quem disse que é só mulher que não guarda segredos? O homem é a mesmíssima coisa.

O negro da mina não podia dormir, rolando-se ao lado da companheira, cativa como ele.

- Que é que o nego tem? Se é espírito, vô fazê chá de urtiga brava prá nego bebê.

- Num é nada, não!

E o negro foi desabafando, diante da figura aparvalhada da mulher, o que vira com os próprio olhos, coisa tão linda assim! Dito isto, como se transmitisse a preocupação que lhe causava a descoberta, dormiu profundamente, enquanto sua mulher, mal o vira rressonar, correu a contar soubera, indo às tantas acordar outras companheiras de servidão.

Pela manhã todos já sabiam da novidade e corriam as mis disparadas versões. Seria a mãe de ouro, ou mãe da terra, uma bola reluzente que de vez em quando saía urrando do meio do chão e, voando como um foguete, ia-se encrustar noutra lugar do chão, abrindo aí um buraco imenso e sumindo-se nas profundezas da terra? Diziam que essa mudança de mãe da terra sempre anunciava um acontecimento qualquer.

E na maioria das vezes tratava-se de desgraça... Mãe da terra ou não, a coisa estava lá, luzidia e da cor do sol, maravilhando os que dela se aproximavam.

Só que em vez de formato de bola, tinha o feitio esguio de uma alavanca. Seria uma alavanca de ouro, grudada à rocha com tal firmeza que multidão de escravos empenados a cavar em derredor para retirá-la na conseguiam. Pois, novamente deixando apenas perceber alguns centímetros fora da cavidade.

Um grotão imenso já se formara sem que a alavanca se dispusesse a aparecer sequer uma polegada a mais. Os feitores, de chibata em punho não davam trégua aos escravos que não podiam parar nem para limpar o suor que gotejava de suas gafurinhas. Foi quando um velho andrajoso se aproximou de um dos cavadores e lhe pediu água. Temeroso dos golpes da chibata, o escravo mandou-lhe adiante. Mas outro escravo de coração bondoso, menosprezando as chibatas, correu à Praínha, límpido córrego que passava nas proximidades e com o seu copo de couro, encheu-o, dando de beber ao velho sequioso.

- Eu o abençôo em nome de Deus Pai. Escute bem, meu filho, quando a terra gemer três vezes, você trate de subir fora deste buracão e corra para bem longe. Depois você verá. Dito e feito. Passados alguns dias, já haviam solapado a gruta a mais não poder, no delírio de desenterrar a alavanca; e esta, sempre fugia, se aprofundava cada vez mais na terra, acenando o ouro reluzente e nunca visto de que era feita a centenas de ambiciosos que lá meteram os seus servos, família e todos aqueles que tivessem mãos para cavar.

Foi quando a terra tremeu e urrou pela primeira vez, apavorando os que a ouviram.

Um segundo tremor e um ruído estranho, como a voz da terra quando se abre em chagas de fendas profundas, se fez ouvir, seguido rapidamente de outro abalo e outro gemido mais profundo que anunciava o desmoronamento completo das paredes da cavidade, aprofundada muitos metros terra adentro.

Uma densa nuvem de poeira cobriu pessoas, ferramentas dos trabalhadores, feitores com o seu chicote de couro cru e ainda curiosos que se aproximaram da cavidade.

Esta virou um monte com a terra que se esboroou, tragando os que nela mourejavam. Não escapou ninguém para contar. Minto. Só escapou o pobre mas bondoso escravo que dera de beber ao pobre andrajoso, mitigando-lhe a sede.

Este, outro não era, senão o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, que viera à terra para experimentar o coração humano, descobrindo assim onde havia maldade e ambição e onde se alojava a doçura e bondade.

A SERRA DOS MARTÍRIOS

Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, guardou a imagem feérica de uma região que visitara em companhia de seu pai em 1670, ainda adolescente e quando se divertia a colher de pedra roliças de ouro bruto para brincar com elas. Antônio Pires de Campos, seu contemporâneo, partilhou dessa brincadeira, pois ambos participaram da expedição na qual também vinha Manuel Paes Bicudo.

Quarenta anos se passaram, hei-lo a perseguir como um visionário, a região aurífera que se lhe imprimiu nos olhos de adolescente, com todo esplendor de um panorama fabuloso.

Vasculhou os sertões por três anos e dois meses sem poder acertar com a paragem que buscava, por haver tantos anos que tinha visto. Daí, então, outras diligências se aventuraram para atingir as minas dos Martírios, assim chamadas pela aparências de cravo, cruz, coroa e lança, e mais símbolos característicos do flagelo de Cristo.

Houve uma expedição que se dizimou às margens de um afluente do rio Araguaia, que, por isto, foi estigmatizado com o nome de Rio das Mortes.

Enquanto outros aventureiros palmilhavam a trilha de Bartolomeu traçou de S. Paulo, via Goiás, outros seguiam caminho aberto, de Cuiabá a Goiás, pelo sertanista Antônio Pinho de Azevedo, desde 1736.

Desnecessário dizer que a legendária Serra dos Martírios estava sempre acenando, com a abundância de ouro, facilmente encontrado a flor da terra, para a cobiça dos homens.

Em 1897, parte de Cuiabá uma expedição sob o comando do tenente-coronel Francisco de Paula Castro, com a finalidade oficial de explorar os vales do rio das Mortes e do Xingu.

De 14 de junho, quando partiram, só no mês seguinte alcançaram o pouso de Finca-faca, um dia de viagem de Lagoa Comprida.

Neste local houve confabulações com o chefe dos Bacairis, que o persuadiu a tomar um caminho mais próximo às minas dos Martírios, do que procurando as cabeceiras dos rios Casca e Farto, conforme roteiro conhecido. Disse o Bacairi que todos os moradores do Xingu conheciam a Tapera do Anhanguera.

A expedição tomou novo guia e partiu por caminhos ínvios de muitos altos e baixos, até a data de 11 de agosto.

Às margens do rio Coliseu disseram que as montanhas à vista, à margem direita do mesmo rio, davam acesso ao alvo tão custo perseguido.

A quantidade de quartzo na região e algumas faíscas de ouro à margem do rio faziam acreditar na proximidade de fontes mais ricas.

A chegada no local, entretanto, foi a mais dura provação. Os índios chamavam de Tapera do Anhanguera a uma abertura embaixo de uma serra que margeia um ribeirão afluente da margem direita do Coliseu que a expedição denominou de 15 de agosto.

No solo desta abertura encontram unicamente panelas de barro e outros objetos da mesma argila, além de alguns esqueletos. Aquilo parecia Ter sido um cemitérios de índios.

Os acompanhantes do tenente-coronel não se deram por vencidos. Eles acreditaram estar, realmente, diante da lendária Tapera; mas conforme a lenda, o ouro havia-se transformado em ossos de defuntos, porque havia, na comitiva, homens que só pensavam em se enriquecer. Se o metal fosse acessível, eles se tornariam bandidos e assassinos da pior espécie. Por isso Deus operava aquela metamorfose.

NOTA: - Estes dados foram colhidos nos seguintes trabalhos:

1. Limites Orientais de Mato Grosso, do Dr. João Barbosa de Faria - Ver. Do Instituto Histórico de Mato Grosso. Vol. III (ano de 1920)

2. Relatório da Expedição Paula Castro - Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso - Tomos XXXIX e XL (1938).

A POAIA

A região do Barra dos Bugres sempre foi maior produtora da Ipecacuanha (Ipeca) ou Poaia, cujo nome científico *Cephaelis Ipecacuanha*, rubiácea preciosa que se encontra nessa região chamada Guaraés.

Dizem que a sua descoberta se deve a um cão que acompanhava uma tropa bororó, que, toda vez que era atacado do estômago, vômitos, etc. embrenhava-se na mata, catava as raízes da planta e as comia. O vômito limpava-lhe o estômago e ele se tornava sadio e lépido como antes.

Durante e após as cheias dos rios, era comum as águas se tornarem lamacentas, turvas e causarem mal ao estômago e intestino de quem as sorvia.

O pajé bororó distribuiu a planta para a tribo que, desde então, desse modo se livrou dos males de estômago e dos intestinos, causados pela enxurrada.

As propriedades da poaia foram logo estudadas nos Laboratórios da Inglaterra e França; e muitas toneladas, em sacolas enormes de lona contendo essa planta, foram para lá remetidas. Estas sacolas foram substituídas, mais tarde por sacolas de algodão ou aniagem.

O caule desta planta tem uma parte subterrânea e a outra se eleva, coisa de palmo e meio; pequeninas flores se transformam em minúsculos frutos roxos de sabor adocicado e produzem vômitos a sua ingestão.

Tem como princípio ativo a emetina, mas, a sua raiz contém: cera, goma, matéria gorda, amido, indícios de ácido tânico e contém outras propriedades medicinais. É uma planta poderosa.

E, como não poderá deixar de ser, atraia a cobiça daqueles que desejavam fazer fortuna rápido.

Isto aconteceu no começo do século. A ovelha negra de uma família de almirante, e de generais, pertencentes à melhor sociedade do Rio de Janeiro, veio dar com os costados em Cuiabá, no posto de Cadete.

Diga-se de passagem que este posto, agraciava o vale investido com um bom vencimento e as regalias de um alferes ou de primeiro tenente. Estas regalias se equiparavam às de qualquer oficial de carreira.

A notícia de diamantes e ouro à flor da terra e o vedetismo da ipeca na Europa, com suas evidentes propriedades medicinais, chegaram aos ouvidos do nosso militar, doido por adquirir fortuna fácil.

Logo ao chegar a Cuiabá, tomou-se de encantos por uma menina-moça (11 anos e meio); mais menina que moça. Casaram. O nosso herói comprou uma mula.

Munia-se de um sapicuá de matula: paçoca de carne seca com farinha; bananas.

Acomodou a mulher na garupa e zarpou para a Mata da Poaia.

Inexperiente da vida sertaneja, a viagem lhes tornou fascinante pelas surpresas do inesperado. Mas, penosa também pelas surpresas da vida da mata.

Os pios dolentes da jaó, foram tomados como apelos plangentes de almas penadas: o que os fez, muitas vezes, acelerar a montaria. Ainda não portavam sequer, um cantil com água. Acossados pela sede, foram beber à porta de um rancho. Ali os receberam pessoas com orelhas crescidas, nariz ferido e pés escalavrados. Eram leprosos. Agradeceram, desculparam-se pelo equívoco e foram alojar-se em plena mata.

Após muitos percalços chegaram a Brotas. Arrumar pequena expedição para desbravar a mata, não foi difícil. Mas, nosso herói ignorava completamente a lei da selva.

Tudo se faz, porém com a devia licença das tribos adjacentes. Por isso ou por falta deste entendimento, quando voltaram ao acampamento, encontraram uma flecha fincada à porta do rancho. Sinal de que os índios estavam muitos zangados, por alguma grave infração.

O nosso cadete não tomou conhecimento disto. E, no dia seguinte, ao retornarem das explorações, encontraram uma segunda flecha fincada mais próxima ao rancho. Sinal indiscutível de um próximo assalto dos índios que não fazem um terceiro aviso.

Nosso herói e jovem esposa, abandonaram a colheita da poaia e desceram o rio no maior silêncio para evitar um ataque da tribo local.

Até que os índios foram condescendentes e isto ocorreu mais de uma semana após o seu acampamento.

Enquanto o marido se embrenhava na mata, levando um pequeno séquito, a jovem esposa permanecia no rancho, preparando a bóia para os desbravadores.

Eis que numa dessas tardes, ela escutou um urro tremendo, que a fez aterrar-se, sem saber o que poderia acontecer.

Relanceou os olhos ao redor de si, e, como esconderijo, só viu uma bruaca (bolsão) de couro, pendurada na viga do teto do rancho.

Não vacilou, e nela se escondeu. Tremendo, no seu esconderijo, sentia os passos do animal que farejava a bruaca, rodou pelo rancho e se retirou.

Ela só abandonou seu esconderijo, quando a turma chegou, quase à noitinha.

Os práticos do sertão reconheceram as patas de onça, no chão batido.

Isto fio também um grande incentivo para o casalzinho abandonar a vida sertaneja.

NOTA: 1- Só que esta narrativa não é ficção. É tudo verdadeiro e a heroína foi a professora Joaquina Ferreira Lima. 2- Narrada por firmo José Rodrigues em: Figuras e Coisas de Nossas Terra, v.1.

O FORTE DE COIMBRA

No ano de 1801, Ricardo Franco comandava Coimbra, quando os índios Guaicurus levaram-lhe a notícia que: "Lázaro Ribeiro, governador de Assunção, arrebanhava grande forças para atacar aquele Forte"

Imediatamente Ricardo Franco enviou duas canoas para o sul, em reconhecimento do número e condições de expedição invasora. E também, solicitou urgente socorro de Cuiabá, para a Fortaleza, pois esta se achava carente de tudo.

A 16 de Setembro, três sumacas de D. Lázaro Ribeiro, guarnecidos de canhões de grosso calibre e seus quatrocentos soldados, romperam fogo contra o Forte.

Coimbra respondeu-lhe bravamente. Mas o inimigo percebeu a inferioridade da guarnição do Forte. E, D. Lázaro, muito astuto, içou uma bandeira branca e propôs a Ricardo Franco uma rendição.

"Não", respondeu-lhe este, lacônica e bravamente.

D. Lázaro recrudesciu a investida, mas a pequena guarnição do Forte rechaçou-os novamente.

E nosso presunçoso inimigo, bem armado, como os seus 400 soldados, retornaram vencidos, escoraçados pelo minguado contingente de Ricardo Franco.

Apavorado dizia D. Lázaro: "Dios so poderia tomá-la, pero com dificultad".

Mais tarde apesar dos apelos do deputado por Mato Grosso, Corrêa do Couto, da urgência de o governo aparelhar o Forte, nada se fez. O seu apelo não teve eco.

Mais tarde, Porto Carreiro, com a ajuda dos índios Lapagates, rechaçaram as forças de Gonzales.

Neste feito, até as mulheres colaboraram, rasgando os seus vestidos para se fazer munição.

Tiveram, porém de abandonar do Forte pela total falta de munição. E fizeram a retirada em silêncio, levando tudo, salvando-se toda a guarnição.

O inimigo, ao chegar, encontrou o forte vazio completamente.

NOTA - Isto é um verdadeiro, porém com foros lendários dado, o minguado contingente do Forte, Ter rechaçado por mais de uma vez, um inimigo muitas vezes poderoso, pelo número desigual dos seus soldados.

Cesáreo Prado - "Passeio pelo Passado" - Jornal do Comércio - Rio de Janeiro -
ano 1954.

CAPÍTULO III

LENDAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Lendas de Mato Grosso contadas por antigos moradores de Figueirópolis D'Oeste.

Há muitos anos o homem já narrava...

“A narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa”. Roland Barthes

Somos herdeiros dos tempos pretéritos, de nossos pais, avós, de nossos ancestrais onde, na aldeia de antigamente, o velho sábio reunia os mais jovens em volta da fogueira para contar histórias. No crepitar do fogo, as lendas eram contadas e recontadas, passadas de geração a geração, no intuito de explicar o extraordinário no meio ambiente e, ensinar a preservação, o respeito, os valores e princípios necessários à preservação sadia da espécie humana.

Lendas fontes preciosas da história do nosso povo. Guardando em sua essência, do povo brasileiro, elementos de diferentes culturas.

Segundo FERREIRA (2001:204):

O folclore está historicamente incorporado como uma base científica para o estudo e conhecimento do comportamento popular. Tem em Mato Grosso as mais diversificadas formas de expressão, representadas basicamente pelas danças, lendas e contos que, na sua grande maioria sintetizam a herança, principalmente do índio e do negro.

O Estado de Mato Grosso abrange uma diversidade étnico-cultural riquíssima e, relevante, comparada aos demais Estados. Estamos formando uma sociedade mato-grossense, trazendo a nossa cultura através de movimentos migratórios das diversas regiões do País e, tentando preservar a já existente, originária dos índios, caboclos e cafuzos.

Figueirópolis D'Oeste é um município do Estado de Mato Grosso com 275 habitantes (IBGE-2000), extensão territorial de 897,08 Km², conforme FERREIRA (2001) e, foi desbravada pelo “(...) *segmento paulista (...) tendo à frente o desbravador José Joaquim Azevedo Figueiredo*”. (pp. 459-60)

“*A população do município constitui-se de focos de migração dos Estados de Minas Gerais, seguido de Goiás e regiões nordestinas*”. FERREIRA (2001:259).

Os deslocamentos populacionais dos imigrantes ao Brasil e, migrantes do País, em específico de nosso Estado de Mato Grosso, com suas trajetórias culturais e étnicas, embora inclusas aos conteúdos escolares, requer o resgate das narrativas sob a ótica dos grupos sociais que a produziram, suas formas criativas de sobrevivência, as interações entre si e com o meio ambiente, os hábitos, costumes, crenças e valores.

De acordo com esta concepção, entramos em contato com antigos moradores e os convidamos para relatarm as lendas veiculadas no município junto aos alunos da 2ª fase do 2º Ciclo da E.E. “Dr. José Gentil da Silva”.

Os alunos participaram entusiasmados, ouviram, questionando e, motivados pelos prazer construíram reproduções textuais e ilustrações referentes às lendas, que constam em anexo.

No desempenho dessa aventura fascinante, de reconhecimento da realidade local, transcrevemos as informações fornecidas, tentando compor o mosaico lendário e mitológico, formado pela nossa diversidade étnico-cultural.

Adotamos como critério, registrar neste capítulo, quatro lendas: “*A lenda do Boi-Bumbá*”, numa versão típica da região Amazônica; “*A lenda do Curupira*” bastante veiculada em Figueirópolis D'Oeste, mas de abrangência nacional; “*A lenda do Pé-de-Garrafa*”, muito divulgada também no nosso município, mas conforme pesquisas

pertencente à tradição de Cáceres e “*O mistério do cruzeiro*”, típica de Figueirópolis D’Oeste...

Nem todas as lendas são típicas de nosso Estado, mas são veiculadas em nosso município, principalmente por antigos moradores e, através deste trabalho, possibilitam a inter-relação de nossa cultura popular na busca da identidade nacional.

Vamos abrir o repertório registrando a “*Lenda do Boi Bumba*” sob a ótica e adaptação dos amazonenses de Parintins, por ter chegado até nós via TV; na seqüência, as lendas colhidas e contadas por antigos moradores do município aos alunos acima citados.

Apague a luz, acenda o abajur, uma luz indireta qualquer, mesmo uma vela para lembrar as fogueiras onde a linguagem nasceu, entre homens e mulheres a contar o que fizeram do seu dia, seus temores e alegrias”... suas lendas e fantasias.

(Domingos Pellegrini escritor – Premio Jabuti 2001)

Certa vez, um casal humilde e feliz, vivia o início da vida conjugal numa singela casinha, às margens do rio Amazonas.

A mulher estava grávida e sentiu um desejo enorme de comer língua de boi. O marido, o negro Francisco, resolveu atender o desejo da mulher, sacrificou o boi predileto do patrão e retirou o tão desejado miúdo, Após a saborosa refeição, ambos caíram em grande remorso e medo, esperando a ira do patrão. Não deu outra! O patrão ficou muito contrariado e mandou matar o negro Francisco. Desesperados Francisco e sua mulher fugiram para o meio das matas e pediram ajuda a um pajé. Este, ciente do fato e compadecido fez uma pajelança e conseguiu ressuscitar o boi. Tudo terminou em festa!

Deste modo, realiza-se o Festival Folclórico de Parintins, onde dois blocos encenam o enredo. O bloco do “Boi Caprichoso”, teve como tema : “Amazônia Santuário Esmeralda” e o bloco do “Boi garantido”, enfocou: “Amazônia Terra Mãe – 90 anos de raízes e tradição do Amazonas, completando neste ano (2003), a 38ª edição. Foi transmitido

pelo canal de TV – SBT (Sistema Brasileiro de Telecomunicações), nos dias 28,29 e 30 de junho.

Conforme o documentário “Viagens pela Amazônia”, canal AMAZON SAT, apresentado no dia 29 de junho de 2003, Graciliano Ramos considera o boi o animal nacional. O boi-bumbá tem sua origem no Maranhão, com a migração dos nordestinos na época da borracha, foi trazido para a Amazônia. A brincadeira do boi-bumbá é caracterizada em todos os Estados, embora com adaptações locais, preserva-se a essência e, desse modo, é uma das manifestações culturais d identidade nacional.

Aproveitando o contexto do noticiário atual, o “Jornal Hoje, TV GLOBO”. De 14 de julho de 2003, informou: Crianças de uma escola da zona rural de Campinas, contam e desenham ledas. O tema vira roteiro de filme. Definido o texto e a forma de narrativa, com efeitos especiais por meio da computação gráfica, conseguem animar trinta figuras, com duração de dois minutos. O trabalho deste alunos foi escolhido para representar o Brasil no “Anima-Múndi”, onde são premiados os melhores vídeos e filmes do mundo da animação.

“Lendas do Curupira”

Já faz tanto tempo! ... Mas tempo não conta... Não apagou as doces lembranças que continuam gravadas no coração, no decorrer destes longos anos... Tudo volta à minha lembrança, consigo ver a casa, o chão batido, um pote de barro, com um canecão bem “areadinho” em cima, muitas flores ao redor da casa e, ao fundo... a misteriosa floresta. Este é o cenário do lugar onde nasci na zona rural de Cassilândia – MS, e por lá vivi muitos anos.

Eu era muito pequena quando perdi minha mãe e, fui criada pelos meus tios e o avô paterno Joaquim.

O vô era um homem sério, quase nunca sorria, mas era doce o seu semblante apesar da seriedade.

Todas as tarde, vô Joaquim tomava um trago de cachaça, coisa pouca, tentando alegrar a vida... Enchia novamente o copo (pequeno) e saia dando fortes baforadas no

cigarro de palha... Descia pelo trilho e entrava na boca da mata ... Lá ficava até a noite cair... Na volta, tomava um caldo quente que, tirava de uma panela de ferro, na taipa do fogão de lenha, um dedinho de prosa... e, o merecido descanso, o sono reparador da labuta diária.

Era bom quando um vizinho ou outro chegava para “prosear. E um após o outro, iam desfiando os “causos”, o medo e o fascínio tomavam conta de mim. Deliciada, ouvia tantas histórias: de bichos, onças, sucuris, caboclo d`água, iara. Lobisomem... De todos, o que mais me impressionou, foi o do Curupira... e sabem por que? Porque o vô Joaquim, no mistério, revelava que sempre levava pinga e fumo picado para o Pai-da-Mata... Eram amigos... e conversavam todos os dias. Descrevia o Curupira como um anão, de cabelos grandes e vermelhos e os pés eram voltados para trás.

Dizia o vô Joaquim que o Curupira não morria nunca e sua missão era proteger as florestas. O Curupira não era mau, só assustava os caçadores e os homens que faziam grandes derrubadas, acabando com as matas.

Hoje, lembrando tudo, creio que meu avô via mesmo o Curupira e nós, não o vemos mais, porque não dominamos a maldade dos crimes contra a natureza.

Colhida pelos professores Luiz Carlos Noronha e Maria Izilda Alvarenga, informante: Diva Matias Tosta, moradora no município desde junho de 1981; Figueirópolis D'Oeste – MT.

“A lenda do Pé-de-Garrafa”

“Como tantos outros municípios brasileiros Cáceres também tem no seu folclore muitos contos populares. Eles revelam a credence dos homens que, embora destemerosos e valentes, relatam com certa superstição e pavor, próprios das almas simples, crédulas e sugestionáveis, as ‘lendas’ que sempre se desenrolam no seio profundo e misterioso das florestas virgens” (Cáceres Bicentenária, p. 53)

Diversos moradores de Figueirópolis conhecem a lenda do Pé-de-Garrafa, uma das mais populares em Cáceres.

Tenho conhecimento dela, através de meu pai, que entre os vários “*causos*”, contava o acontecido com o seu compadre José Farias.

O fato se deu no início do século XX, quando as plantações nativas de poaia fazia muito sucesso e rendiam dinheiro, na região de Cáceres.

A poaia possui propriedades medicinais e, na época, foi enviada para laboratórios da Franca e da Inglaterra, porque no Brasil faltava a tecnologia adequada para a pesquisa dessa planta preciosa.

Muitos aventureiros invadiam a região pois, a notícias do ouro, do diamante e da poaia, corriam mundo...

Conforme o relato de meu pai, seu compadre fazia parte desse grupo de aventureiros...

...A mata virgem se fechava sombria, os poaieiros se espalhavam na coleta da planta. Era uma vida de luta, privações e sofrimentos, a única recompensa tinha um preço: a coragem. O compadre José era um homem destemido e, dia após dias, vencendo a mata, ia enriquecendo...

Certa vez, no momento de se juntar ao grupo, para sair da mata, os gritos de chamada dos companheiros foram conduzindo o compadre para lugares jamais pisados... Ele ficou perdido... caiu a noite. Desesperado, subiu em uma árvore, onde alguns reflexos da lua o ajudavam a se defender dos bichos noturnos.

De repente, um clarão! Surgiu em sua frente um misterioso ser, tinha a forma humana, o corpo era todo coberto de pelos escuros e curiosamente ele se apoiava numa única perna com o formato de uma garrafa... Seus gritos foram reconhecidos pelo compadre, e assustadoramente, ecoavam pela mata...

Foi uma longa noite, com os raios da aurora, conseguiu ele descer da árvore e buscar saída. Encontrou o caminho, mas deixou de ser poaieiro...

Colhida pelos professores: Luiz Carlos Noronha e Maria Izilda Alvarenga; informante: Sueli Soares da Costa moradora no município desde 1972. Figueirópolis D'Oeste – MT.

“O mistério do cruzeiro”

Figueirópolis D'Oeste é um município do Estado de Mato Grosso cuja população é constituída de focos de migração dos Estados de Minas Gerais, Goiás, regiões nordestinas e Paraná. Esses migrantes vieram para cá em busca de uma vida melhor, mas no começo, tudo foi muito difícil, se instalaram no meio das matas, fundaram comunidades e fizeram história.

Quantas vezes, as pessoas se reuniram para contar “*causos*”, ou lembrar fatos que ficaram longe...Hoje, com a facilidade dos meios de transporte, o asfalto, os meios de comunicação, principalmente a televisão, as pessoas ficam mais recolhidas assistindo novelas e programas. Outras, de carro ou de moto, participam das festas dos municípios vizinhos e, nesse vai-vem, os “*causos*” ficam adormecidos.

O município foi palco de muitas lutas por posse de terras, de mortes estúpidas e, também de fatos misteriosos que fogem à compreensão humana, como é o caso deste que vou contar.

Figueirópolis tinha uma escolinha e uma capela, muito humilde, no centro de seu povoado .

Os devotos se reuniam e, um padre da cidade vizinha de Jauru, vinha de vez em quando rezar missa.

Toda capela ou igreja possui uma diretoria para resolver os problemas que sempre surgem.

O vilarejo foi tomando ares de cidade e, ao redor da capela e da escolinha, foram aumentando o número de bares, lojas, mercadinhos.

Resolveram então, os componentes da diretoria que era hora de construir uma nova igreja, maior, para acomodar melhor os fieis.

O problema maior, que causou muita polemica, se deu pelo fato de que uns componentes da diretoria queriam que a Igreja fosse construída no mesmo local da capela, no centro da cidade, onde no futuro seria construída uma praça. Os outros componentes, inclusive o padre, discordavam, pois uma igreja não podia ser construída em meio a bares, em meio ao pecado.

Como sempre, prevaleceu a opinião dos que apoiavam o padre.

Iniciou-se a construção, desmanchou-se a capela e as missas passaram a ser rezadas num barracão improvisado, coberto de folhas de babaçu, ao lado da construção da nova igreja.

No centro da cidade, ficou como lembrança da antiga capela, um cruzeiro de madeira, solitário a contemplar o espaço vazio à sua volta.

Foi aí que um dos integrantes da diretoria, um daqueles que era oposição, com a ajuda de alguns homens, retirou o cruzeiro, sem a autorização do padre, e colocou-a ao lado da igreja em construção.

Dia seguinte. Dia de missa. O padre veio e a primeira visão que teve foi a do cruzeiro. Não gostou e reunindo alguns homens fez com que o devolvessem ao antigo lugar.

Como o padre era único na região e atendia a todas as comunidades ao redor, passava-se longo tempo sem que ele aparecesse.

Aproveitando-se da ausência do padre, o mesmo homem, transferiu novamente o cruzeiro para a nova igreja.

Cruzeiro vai, cruzeiro vem, deu-se nesse período uma grande seca, secaram os poços, os pastos morreram. Até o rio Brigadeiro ficou quase seco.

A população começou a se desesperar, pois, em todas as cidades vizinhas, chovia.

Ninguém entendia o porque daquela seca...

Novenas, procissões simpatias, tudo foi feito e, nada de chuva!

Depois de alguns meses da ultima missa celebrada, o padre apareceu. Ao passar pela praça, não viu o cruzeiro e deduziu que o tinham levado de novo, para a igreja nova. Ao chegar à igreja o viu no chão. Nada disse. Celebrou a missa, não tocou no assunto, mas como era muito esperto, percebeu o que estava acontecendo na cidade.

A seca estava estampada no rosto d todos que estavam no barracão.

Terminou a missa, com muita sabedoria, fez com que todos vissem que a retirada do cruzeiro do seu lugar de origem, foi um desagrado a Deus e estavam recebendo o castigo pelo ato praticado.

O silencio foi total... Em seguida, pediu que alguns homens levassem de volta o cruzeiro no lugar onde tinha sido fincado pela primeira vez.

Foi uma cena emocionante.

A multidão acompanhou a devolução rezando o terço durante todo o percurso.

O cruzeiro foi colocado, enfim, no mesmo lugar de onde foi retirado, entre vivas e sussurros.

Espanto geral. Coincidência ou não. Coisas do além do nosso alcance... Vento, relâmpagos, trovões, enfim, a abençoada chuva.

As pessoas corriam a esconder-se nos bares, aos empurrões.

Uma tempestade jamais vista, se derramava, ante os olhos pasmos das pessoas. Viram as escolinhas ser descoberta, raios, chuva, muita chuva. Choveu a noite toda.

Nessa local, foi construída uma bela praça, com muitas árvores, belos canteiros e um parquinho para as crianças. Ninguém nunca mais ousou tocar no velho cruzeiro, que contempla serenamente cada um de nós...

Colhida pelos professores: Luiz Carlos Noronha e Maria Izilda Alvarenga; informante: José Elizario da Silva Neto, 31 anos, nascido em Figueirópolis D'Oeste.

CONCLUSÃO

(...) contar histórias é uma arte. Muitos de nós fomos por elas embalados e, com certeza, ainda guardamos na memória a doce recordação da infância, dos momentos carregados de afeto quando a família se reunia em volta de um livro ou simplesmente para ouvir o outro: a avó, a mãe ou o pai (...) O mundo mudou. Primeiro foi a TV; depois, as pessoas passaram cada vez mais a sair a trabalhar, criando a dupla jornada, mudanças na família, nas relações; agora, os computadores. Não há mais tempo, dizem, e as atividades passaram a ser mais solitárias.

SALTO PARA O FUTURO – Ensino Fundamental, vol. 2 (1999: 153- 54)

“*Nos tempos antigos, tudo era possível*”, disse um contador de histórias na virada do século XX. Desconhecedor das profundezas das águas, das selvas fechadas, dos confins das planícies, dos picos das cordilheiras, e perplexo diante da escuridão que envolve suas noites e a história do planeta que habita, o ser humano alimenta ao mesmo tempo sentimentos de medo e de atração por esses recônditos incógnitos, incapaz de certificar-se, pela inacessibilidade, das realidades que os habitam. De lá surgem seres remotos, em incursões rápidas e vagas, percebidas no intervalo de piscadas de olhos, em rastros deixados na neve, em vítimas deixadas ao largo, em ossadas sepultadas pelas eras, no conhecimento transmitido por civilizações milenares. Assim, monstros aquáticos, dragões, unicórnios, homens das neves, vampiros, lobisomens, botos, iaras, entre tantos outros, além de dinossauros, continuam povoando sonhos e pesadelos, atormentando e seduzindo os seres humanos, como provam a obstinação de tantos pesquisadores – caçadores.

Nosso aluno é o cidadão do século XXI e para se inserir nesse novo mundo precisa ser um leitor de múltiplas linguagens, crítico e consciente. Desse modo, precisa revisitar a história, aproximar o passado do presente, entender toda a produção humana, para se descobrir sujeito da História e, portanto, das transformações.

E encontramos na Literatura um vasto campo de conhecimentos que nos permite ir do real ao imaginário em questão de segundos e nos faz viver histórias e acontecimentos, num mundo de fantasias.

Diante desse fato, as lendas regionais, como expressões da cultura de um povo, na versão do próprio povo, que a produz e perpetua.

A natureza, na concepção dos antigos moradores do município, conforme a pesquisa realizada, é alicerçada por mitos e lendas e, embora incorporem no discurso as informações sobre o meio ambiente, veiculado pela mídia, eles o fazem para garantir o diálogo com a sociedade envolvente, mas, no próprio meio, especialmente os mais velhos, continuam a compartilhar a visão mítica e lendária de natureza e tempo.

Como educadores, devemos preparar os alunos para o conhecimento das várias manifestações culturais, sem considera-las exóticas, e sim parte integrante da literatura. Assim, os alunos perceberão que, como eles existem outras pessoas, em outros lugares que também possuem hábitos costumes e tradições próprias e as atividades sobre a diversidade cultural farão mais sentidos.

Valorizar as expressões da cultura de um povo é privilegiar a diversidade e, é também questionar os mecanismos que constroem as diferenças, que discriminam o outro e que perpetuam suas exclusões. Os mecanismos discriminatórios inferiorizam as identidades culturais, desse modo, devemos problematizar as relações desiguais de poder e trabalhar as manifestações culturais, como no caso desse trabalho, as lendas regionais. A interação com os moradores antigos e os alunos é uma forma de narrar a nossa história e, sobretudo, um instrumento para revelar e reforçar a identidade dos alunos e, de todos os brasileiros.

“Faz parte da cultura de um povo recompor a memória das épocas que se foram(...)” REIS (1984:15).

Mergulhar numa pesquisa é não temer a investigação. O embasamento técnico deve buscar e abranger não apenas a visão de um autor, ao contrario, é imprescindível compará-la com outras visões para transformar o conhecimento literário, tornando efetivamente viável a compreensão da realidade, como instrumento de recuperação, em sua dialeticidade e principalmente de contribuição para uma construção humanizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. O estranho mundo que se mostra às crianças. 3.ed. São Paulo:Summus, 1983.

ALMANAQUE ABRIL '89. Artes: o folclore brasileiro. São Paulo: Ed. Abril S/A, 1989.

AMAZON SAT, Viagens pela Amazônia, 29.06.2003.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular, 14ª ed. Editora Brasilense. São Paulo, 1994.

AYALA, Marcos e M. I. N. Ayala. Cultura Popular no Brasil. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira: temas e situações. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

COELHO, Nelly N. Literatura: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000: 163-183. (Série Nova Consciência).

_____. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 7.ed. rev. São Paulo: Ed. Moderna Ltda, 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2001.

GOÉS, L. P. Introdução à Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Pioneira, 1996.

LUYTEN, Joseph M. O que é literatura popular. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos).

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Português. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

REIS, Luzia de Maria R. Quem conta um conto aumenta um ponto. In: O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. 14ª ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1994.

SANTOS, T. M. Lendas e Mitos do Brasil. 13ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1993.

<http://www.fortunecity.com/campus/anthropology/275/lendas.html>

<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=644&date=currentDate>

<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>

<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/lendas.htm>